

# Aspectos da relação do PCB com a Internacional Comunista há 90 anos de sua fundação

Carlos Zacarias de Sena Júnior<sup>1</sup>

A abertura dos arquivos da Internacional Comunista (IC, *Komintern*, Terceira Internacional) em inícios dos anos 1990, provocou uma onda de entusiasmo entre os historiadores do movimento comunista internacional. À parte os significados da *débâcle* do chamado “socialismo real”, para os que se dedicam ao estudo do passado, grandes perspectivas se abriram para a compreensão das relações entre o PCB e a IC.

Obviamente que o entusiasmo acima referido não deixou de ter alguma relação com as dimensões revisionistas e anódinas de uma historiografia sôfrega por encontrar motivos para ligar o fenômeno do stalinismo às teses do totalitarismo, posição que veio ganhando vigor desde fins dos anos 1990.<sup>2</sup> Da mesma forma, não poucos estudiosos estiveram ávidos por produzir diatribes quanto à ação política da IC e o peso do “ouro de Moscou” nas revoluções abortadas ou vitoriosas pelo mundo, desde a fundação do *Komintern*, em 1919. Em alguma medida, por uma dessas ironias da história, a queda do Muro de Berlim e a desintegração da URSS com o corolário da abertura dos arquivos de Moscou, se não chegou a provocar grandes mudanças nos rumos da historiografia sobre o comunismo, impulsionou, ao contrário, no entendimento de Pierre Broué “*um movimento marcado de regressão intelectual*”, situação em que, em muitos sentidos, trabalhos históricos foram rebaixados “*ao nível das histórias contadas pelos mais medíocres historiadores stalinistas ou estadunidenses dos tempos da Guerra Fria*”.<sup>3</sup>

Exemplos, nesse sentido, não faltariam em qualquer parte do mundo para ilustrar a afirmação acima, na medida em que o fenômeno do fim do chamado “socialismo real” abriu as portas para os discursos sobre o fim da história e outras ideologias correlatas. Para ilustrar a questão basta que se cite *Le livre noir du communisme*, obra publicada na França em 1997, que veio a se constituir num primeiro e apressado balanço da experiência do “socialismo real” após o seu malogro, nascido das “revelações” dos arquivos de Moscou e que não deixou de reduzir a trajetória da IC a “uma atividade criminosa”, produzindo uma explicação “unilateral ou monocausal” sobre a atuação dos comunistas que foram

identificados como simples partidários de projetos subversivos repletos de práticas terroristas contra adversários e acólitos do *credo vermelho*.<sup>4</sup>

No que tange aos desdobramentos da abertura dos arquivos da IC deste lado do atlântico, não deixaram de surgir interessados em produzir discursos de aberto teor anticomunista, a par com aquela “regressão” de parte da historiografia referida por Pierre Broué. O livro *Camaradas*, do jornalista da Rede Globo William Waack, que tem o sugestivo e mercadológico subtítulo *Nos arquivos de Moscou. A história secreta da revolução brasileira de 1935*, foi uma das empreitadas deste tipo. Na obra o jornalista global pretendia trazer a público *revelações bombásticas* sobre as implicações da “mão” e do “ouro” de Moscou nos acontecimentos de 1935 no país.<sup>5</sup> Quanto ao sucesso ou fracasso do intento de Waack, basta que se mencione que seu texto, embora produzido *de dentro* dos arquivos de Moscou, serviu para que a historiografia acadêmica defenestrasse o espírito anticomunista encarnado nos entusiastas de revelações bombásticas que não chegaram nunca a aparecer nem neste livro nem em nenhum outro que tenha surgido neste período.<sup>6</sup>

A abertura dos arquivos de Moscou, de qualquer forma “*inaugurou uma nova etapa nos estudos sobre o comunismo, visto que se tornou possível trabalhar diretamente sobre as fontes, conforme o exige o trabalho do historiador*”. Apesar disso, como assegura Bruno Groppo e Bernard Pudal “*parece poder afirmar-se que o acesso às fontes não levou, pelo menos até a data presente, a pôr fundamentalmente em causa as interpretações propostas pela historiografia mais séria, mas sim a corrigi-las em questões secundárias e a completá-las*”.<sup>7</sup> Embora nenhuma grande revelação tenha

<sup>4</sup>WOLIKOW, Serge. As interpretações do movimento comunista internacional. In: DREYFUS, *O século dos comunismos*, Op. cit., p. 108-109. A edição brasileira de *Le livre noir du communisme*, COURTOIS, Stéphane ; WERTH, Nicolas; PANNE, Jean-Louis. (Org.) *O livro negro do comunismo*. Crimes, terror e repressão. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

<sup>5</sup>WAACK, William. *Camaradas: nos arquivos de Moscou: a história secreta da revolução brasileira de 1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>6</sup>Sem desconhecer os méritos do jornalista que trouxe à tona documentos inéditos, Marly Vianna destaca os excessos de Waack provocados, entre outras coisas, pelo desconhecimento da história da IC e pela pouca simpatia para com Prestes e com os comunistas. VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Malvados camaradas. Teoria & Debate*, nº 23, dez.1993/jan./fev. 1994 (acessado pela Internet em 17/05/2010 <http://www.fpabramo.org.br/conteudo/livros-camaradas-de-willian-waack>).

<sup>7</sup>GROPPPO, Bruno; PUDAL, Bernard. Uma realidade múltipla e controversa. In: DREYFUS, op. cit., p. 24.

<sup>1</sup>Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

<sup>2</sup>Uma abordagem crítica deste fenômeno pode ser encontrada em STUDER, Brigitte. Totalitarismo e estalinismo. In: DREYFUS, Michel *et. all. O século do comunismo*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004, p. 29-53.

<sup>3</sup>BORUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista*. 1919-1943. Ascensão e queda. São Paulo: Sundermann, 2007, p. 7-8 (Tomo 1).

emergido no que já se conhecia sobre a IC e o movimento comunista internacional, o acesso à documentação permitiu novas possibilidades investigativas acerca das profundas transformações sofridas na atividade da Internacional Comunista transformada em aparato da burocracia do Estado Soviético desde a ascensão do stalinismo até a extinção da Internacional em 1943. A par do interesse dos historiadores, mergulhar nos arquivos da IC depositados no CEDEM-UNESP permite cotejar a relativamente conhecida história da Internacional com uma experiência particular levada à cabo na periferia do mundo capitalista.

### Os primeiros passos da Internacional Comunista

Como se sabe, o surgimento da Internacional Comunista esteve ligado aos destinos da Revolução Russa de 1917. Entretanto, o projeto de uma nova Internacional tinha tomado corpo desde 1915, quando Lenin e outros revolucionários “decretaram” a falência da Segunda Internacional após a maioria das seções ligadas à organização terem aprovado os créditos de guerra na Alemanha um ano antes.

O surgimento da Terceira Internacional em 1919 projetou para o mundo a imensa autoridade, capacidade e prestígio da organização que tinha encabeçado a primeira revolução proletária vitoriosa no mundo, o Partido Bolchevique. Nada mais natural, portanto, que o exemplo russo fosse tomado como parâmetro para as diversas organizações que buscavam fazer a história nos seus países no rumo do socialismo. Não obstante, Lenin e Trotsky, os dois principais dirigentes da Revolução Russa e os mais influentes líderes da Internacional nos seus primeiros anos, apostavam que o destino da revolução no país dos Urais estaria ligado aos rumos da revolução mundial. Entre os dois dirigentes a convicção quanto à vitória da revolução mundial era tamanha que enquanto acompanhavam os desdobramentos dos acontecimentos na Europa, em especial na Alemanha, adotaram a língua materna de Marx e Engels como língua oficial do *Komintern* nos primeiros anos de sua existência.<sup>8</sup> De fato, ainda em 1919 uma insurreição operária tinha explodido na Alemanha, mas viria a malograr, assim como a revolução Húngara, também de 1919, o biênio vermelho na Itália (1919-1921) e outras duas tentativas de revolução na própria Alemanha, em 1921 e 1923.

A derrota da revolução mundial só foi definitivamente percebida com o fracasso das jornadas de 1923 na Alemanha. Contudo, em razão das experiências frustradas em diversos países da Europa, a vitória dos

bolcheviques na Rússia foi ainda mais sobrelevada, iluminando a autoridade do partido de Lenin ante todas as outras organizações da Internacional. Com efeito, em seu II Congresso, em 1920, foi aprovado um programa de 21 pontos como condição para aceitação de novas organizações no interior da Internacional Comunista. Tal programa, entendido como necessário contra as correntes oportunistas e social-democratas da Europa que se vinham aproximando do *Komintern*, foi também a maneira encontrada pelos comunistas de impulsionarem a formação de partidos em vários países, situação em que, na maioria dos casos, implicaria numa ruptura com o “reformismo” da velha social democracia. Tratava-se, como parece, de uma centralização informada no exemplo bolchevique, principalmente porque preconizava o princípio do *centralismo democrático* para todos aqueles que pretendessem aderir à IC. Todavia, o que poderia ser entendido como uma espécie de *russificação* da Internacional, não chegou a ser uma camisa de força para o ingresso de novas organizações, nem todas prontamente *bolcheviques*, nem para processos de depuração com expulsões e perseguições de militantes, prática corriqueira na década seguinte. Efetivamente, o processo de bolchevização da Internacional levaria ainda alguns anos para ser efetuada em toda a sua inteireza e conseqüências.

Antes, contudo, os dirigentes da Internacional se deparariam com outros desafios. Primeiro, seria necessário derrotar a política ultra-esquerdista que ganhava espaço no interior do movimento operário internacional quanto mais a revolução vinha sendo sufocada em diversos países, circunstância em que os comunistas deveriam aprender a distinguir os momentos de ofensiva dos momentos em que era necessário um combate político mais amplo. Tanto assim, que após empreender a luta contra o que entendia ser a persistência do oportunismo na IC, Lenin envidou esforços para controlar as tendências esquerdistas no partido alemão e alhures. Redigiu, entre 1920 e 1921, *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*, com o propósito de convencer os partidários do maximalismo da necessidade de os comunistas atuarem na base dos sindicatos, por mais reacionários que fossem, e da importância de os revolucionários disputarem eleições para os parlamentos burgueses, contrapondo o que chamava de cretinismo anti-parlamentar dos esquerdistas, ao cretinismo parlamentar dos oportunistas.

Na verdade, tanto Lenin quanto Trotsky anteviram, em 1921, que a aguardada revolução mundial não viria em socorro da “atrasada” Rússia ainda naqueles anos. Na verdade, havia um certo consenso entre os dirigentes da Internacional de que o capitalismo poderia ter uma sobrevida no pós-guerra, considerando que o inimigo “*não fica passivo; ele também combate*” e que “[se] o ataque do proletariado não é coroado de sucesso, a burguesia passa imediatamente ao contra-ataque”, situação em que o proletariado poderia sofrer defecções em suas fileiras.<sup>9</sup> Ou seja, assim como o proletariado soube

<sup>8</sup>Para uma discussão sobre os primeiros anos da Internacional Comunista e o curso da revolução mundial vejam-se os trabalhos de onde foram extraídas as informações que compõe as próximas páginas deste artigo: ANDREU, Maurice. *L'Internacional communiste contre le capital 1919-1924 ou comment empoigner l'adversaire capitaqliste?* Paris: Presses Universitaire de France, 2003; BROUÉ, Pierre. *História da Internacional Comunista*, Op. cit., p. 91-144 (Tomo 1); DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky: o profeta armado. 1879-1921*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984, p. 477-506 (v. 1); HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*. O breve século XX. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 61-89.

<sup>9</sup>III INTERNACIONAL Comunista. *Manifestos, teses e Resoluções do 3.º Congresso*. São Paulo: Brasil Debates, 1989, v. 3, p. 74.

tirar lições dos seus reveses, a burguesia europeia que emergia da guerra e que tinha visto a vitória dos bolcheviques na Rússia, também aprendia com as suas próprias derrotas, de maneira que os dirigentes da Internacional pretendiam preparar o movimento comunista para anos de alguma estabilidade capitalista, perspectiva que expuseram nas teses apresentadas ao III Congresso da Internacional Comunista, ocorrido em 1921:

Os Partidos Comunistas devem levar em consideração não só a capacidade de existência e concorrência da indústria capitalista, não só a força de resistência das finanças capitalistas, mas a extensão da miséria que o proletariado não pode de não deve suportar [...] Em lugar do programa mínimo dos reformistas e dos centristas, a Internacional Comunista coloca a luta pelas necessidades concretas do proletariado, um sistema de reivindicações que, em seu conjunto, destroem o poderio da burguesia, organizam o proletariado e constituem as etapas da luta pela ditadura do proletariado. Nesse sistema nenhuma reivindicação isolada dá sua expressão às necessidades das amplas massas, ainda que essas massas não se coloquem ainda conscientemente sobre o terreno da ditadura do proletariado.<sup>10</sup>

Mais adiante concluíam: “[n]ão se trata de se limitar a pregar sempre ao proletariado os objetivos finais, mas de fazer progredir uma luta concreta, que só pode conduzir à luta por esses objetivos finais”. Surgia, assim, no interior de um programa de transição, a tática da Frente Única que, em linhas gerais, consistia numa política de coalizão de forças entre as organizações comunistas, social-democratas e outras, no interior do movimento operário, para enfrentar o inimigo de classe enquanto este avançava sobre o proletariado.

Parecia óbvio que não eram suficientes para a vitória somente a argúcia de dirigentes experimentados e competentes saídos de uma revolução para que se efetivassem novas e vitoriosas revoluções. Uma combinação de fatores tinha que ser observada e conjugada, tal qual se combinara no exemplo russo e estivera prestes a ocorrer em outras situações em que o proletariado esteve próximo de tomar o poder, como o confirma o exemplo alemão. Contudo, como a história não se faz a si mesma, ela precisa de homens para que as circunstâncias necessárias sejam também suficientes para a transformação, o que não chegou a ocorrer, efetivamente, em nenhum outro momento.<sup>11</sup> Apesar disso, a Internacional Comunista precisava seguir em frente.

<sup>10</sup>Idem, p. 92.

<sup>11</sup>A citação completa, do trecho escrito por Engels na primeira obra publicada em parceria com Marx, é a seguinte: “A História não faz nada, 'não possui nenhuma riqueza imensa', não luta nenhum tipo de luta! Quem faz tudo isso, quem possui e luta é, muito antes, o homem, o homem real, que vive; não é, por certo, a 'História', que utiliza o homem como meio para alcançar seus fins – como se se tratasse de uma pessoa à parte –, pois a História não é senão a atividade do homem que persegue seus objetivos”. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A sagrada família: A crítica da Crítica crítica. Contra Bruno Bauer e consortes*. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 111.

## A Internacional Comunista e o PCB

Foi na altura do IV Congresso da Internacional, ocorrido em 1922, que uma organização comunista formada no Brasil em março daquele mesmo ano, teve seu primeiro contato com o *Komintern*. O momento era de incerteza e a organização, denominada Partido Comunista do Brasil (PCB), corria o sério risco da desintegração, já que não era a primeira tentativa de aglutinação de comunistas no país. Viviam-se anos de intensa repressão na esteira do levantamento da baixa oficialidade no Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro. Também era um período de grande movimentação política visto que operários haviam protagonizado as primeiras grandes greves no país entre os anos de 1917 e 1919, sob a liderança de “sindicalistas revolucionários” (anarco-sindicalistas) e “sindicalistas reformistas”, também chamados “amarelos” pelos seus adversários do movimento sindical.

As incertezas não estavam relacionadas apenas à situação brasileira. Após o fim da guerra civil, a Rússia dos soviets estava arrasada pelos três anos de conflito com os *brancos*. Com sua pouca indústria praticamente destruída e inúmeros quadros técnicos e políticos abatidos, era necessário recomeçar. Para completar, Lenin sofria de uma grave enfermidade que lhe impossibilitava de atuar mais diretamente nos rumos da jovem República Soviética e da nascente Internacional. Ainda assim tinha proposto, em 1921, a Nova Política Econômica (NEP) para permitir o avanço das forças produtivas na combalida economia russa e não pouparia esforços para reafirmar a tática da Frente Única no IV Congresso ao qual não pôde comparecer.

Foi nesse contexto que o PCB indicou o jovem tipógrafo Antonio Bernardo Canellas para participar do IV Congresso da IC, já que o mesmo encontrava-se na França nas proximidades da data do Congresso, sendo por isso indicado como o representante brasileiro. Canellas, era egresso do sindicalismo-revolucionário, como a maior parte dos membros do jovem partido. Em Moscou se envolveu em querelas sobre a maçonaria que fizeram com que os dirigentes do *Komintern* entendessem que a depuração dos elementos do anarco-sindicalismo não tinha se efetivado na organização brasileira que pleiteava o ingresso na IC.<sup>12</sup> Em virtude disto, recusaram o PCB no seio da Internacional.

Uma nova investida do PC brasileiro no *Komintern* só voltaria a ocorrer dois anos depois, no V Congresso, em 1924, a partir da interferência do dirigente argentino Rodolfo Ghioldi que levava consigo a autoridade da mais importante Seção latino-americana da IC. A nova tentativa dos comunistas brasileiros contou com as participações de Astrojildo Pereira e Rodolfo Coutinho, que embarcaram para tomarem parte do Congresso em Moscou. Devido ao adiamento do conclave em função da morte de Lenin, ocorrida em janeiro de 1924, somente Coutinho pôde ser o portador da

<sup>12</sup>Reponse de la delegation du Brasil au questionnaire sur la franc-maçonnerie, Fundo: Internacional Comunista; Série: Documentos de Congressos da IC; Notação: 495-029-002, 1922, CEDEM/UNESP.

boa nova que foi a aceitação do PCB nas fileiras da Internacional, fato que, para Marcos Del Roio, pôs termo ao processo de fundação do Partido Comunista do Brasil, agora convertido à condição de Seção Brasileira da Internacional Comunista.<sup>13</sup>

Em que pese o fato de que o PCB tenha percorrido um tortuoso caminho para ser aceito no interior da IC, não é menos importante atentar para a situação vivida pelo *Komintern* que passava por momentos de decisão repercutindo os primeiros lances do embate no interior do partido russo entre a Oposição de Esquerda, formada em 1923 sob a liderança de Trotsky, e o triunvirato, que reunia Stalin, Kamenev e Zinoviev. Também repercutia na IC a derrota da revolução alemã de 1923, que tinha tido grande participação de dirigentes da Internacional, especialmente de Zinoviev. Os significados da morte de Lenin, da luta fracional na Rússia e da derrota alemã conformaram um quadro desolador e foram decisivos na formação da principal palavra de ordem que mobilizou o V Congresso: bolchevização.<sup>14</sup>

A trajetória da palavra de ordem de bolchevização no PCB nos anos de sua consolidação frente às outras organizações operárias, não podia ser mais deletéria. Pressionados pelas circunstâncias do recente ingresso na IC, os comunistas brasileiros fizeram o máximo para se adequarem aos princípios estabelecidos no V Congresso que colocavam o partido russo como único modelo a ser seguido. Paradoxalmente, antes que os reverses da má aplicação da bolchevização em solo brasileiro se fizessem sentir através do “obrerismo” em fins dos anos 1920, amalgama da bolchevização do V Congresso e da linha do “terceiro período” do VI Congresso ocorrido em 1928, enquanto as organizações do sindicalismo “revolucionário” e “reformista” definhavam, o PCB deu importantes passos para a sua afirmação como principal corrente no movimento operário com a criação do Bloco Operário, em 1925, depois Bloco Operário e Camponês, em 1927.<sup>15</sup> Nesse ínterim, o PCB havia realizado seu II Congresso em 1925, ocasião em que surgiram as teses sobre o dois imperialismos, o inglês e o estadunidense, que disputariam a hegemonia sobre o Brasil, e o importante livro de Octávio Brandão, *Agrarismo e industrialismo* que era a primeira tentativa de análise marxista da realidade brasileira.<sup>16</sup>

<sup>13</sup>DEL ROIO, Marcos. A gênese do Partido Comunista, In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A formação das tradições. 1889-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 234 (v. 1) (As Esquerdas no Brasil).

<sup>14</sup>HÁJEK, Milos. A bolchevização dos partidos comunistas. In: HOBSBAWM, Eric J. (Org). *História do marxismo*. O marxismo na época da Terceira Internacional: da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 197.

<sup>15</sup>Sobre o Bloco Operário e o Bloco Operário e Camponês e a crescente hegemonia dos comunistas no movimento operário, veja-se KAREPOVS, Dainis. *A classe operária vai ao Parlamento*. O Bloco Operário e Camponês do Brasil (1924-1930). São Paulo: Alameda, 2006.

<sup>16</sup>Cf. AMARAL, Roberto Mansilla. Astrojildo Pereira e Octávio Brandão: os precursores do comunismo nacional. In: FERREIRA; REIS. *A formação das tradições*, Op. Cit., p. 263. Recentemente a obra clássica de Octávio Brandão foi reeditada e tem a seguinte referência: BRANDÃO, Octávio. *Agrarismo e industrialismo*. 2 ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

Enquanto no Brasil o PCB caminhava para apresentar suas primeiras candidaturas operárias ao parlamento da Capital Federal em 1928, em Moscou os embates entre a Oposição de Esquerda, que havia se unificado com Zinoviev e Kamenev, em 1925, formando a Oposição Unificada, e o novo bloco formado por Stalin-Bukharin, se aprofundavam. As desavenças eram, agora, quanto aos caminhos da NEP, a revolução chinesa e o comitê anglo-russo.<sup>17</sup> Nas circunstâncias em que o partido russo avançava para tornar a Internacional Comunista um aparato da doutrina do “socialismo num só país”, era natural que os destinos do *Komintern* estivessem atrelados ao desenlace da situação na URSS.

Os resultados da querela entre o grupo de Stalin e os membros da Oposição foram decisivos para os caminhos da IC e do movimento comunista a partir de 1927. Neste ano, em que a revolução chinesa foi mergulhada num mar de sangue comunista, através da desastrosa política do *Komintern* elaborada por Stalin e Bukharin, a Oposição foi finalmente derrotada, Trotsky foi expulso das fileiras do PCUS e, pouco depois, da União Soviética, e centenas de “trotskistas” foram perseguidos e neutralizados em suas funções políticas. O ano de 1927 prenunciaria ainda uma das mais espetaculares inflexões na história do movimento comunista internacional e o aprofundamento da stalinização do aparato da IC e o conseqüente enquadramento dos PCs do mundo numa lógica de defesa da “pátria do socialismo”.

### Ascensão da diplomacia

Na estrutura organizativa da Internacional Comunista, além das instâncias diretivas internas, havia também dirigentes responsáveis pelo acompanhamento do trabalho dos PCs nos diversos países indicados pelo Comitê Executivo (CEIC) e secretariados por continente, como o Secretariado Sul Americano da Internacional Comunista (SSA-IC). Além disso, esperava-se que dirigentes mais experientes de PCs irmãos de países vizinhos pudessem auxiliar no trabalho local de algum PC, sendo este o caso do auxílio prestado pelo argentino Rodolfo Ghioldi na aceitação do PCB nas fileiras do *Komintern*.

A virada dos anos 1920 para os anos 1930, foi marcada pelo fracasso da revolução chinesa e pelos erros da política da IC para aquele país. Com efeito, no VI Congresso da Internacional Comunista, realizado em 1928, em Moscou, entendeu-se quanto à necessidade de uma readequação da linha da Internacional e o afastamento dos “culpados” pela derrota na China. Nesse ínterim, no Brasil, o PCB levava adiante a política do Bloco Operário e Camponês.<sup>18</sup>

<sup>17</sup>Uma análise profunda daqueles anos e das lutas que envolveram as duas frações no interior do partido soviético podem ser encontradas em DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky: o profeta desarmado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 291-415 (v. 2).

<sup>18</sup>Cf. DEL ROIO. A gênese do Partido Comunista, In: FERREIRA; REIS. *A formação das tradições*, Op. Cit., p. 241. Este autor considera que quanto a política do BOC o PCB guardava alguma “margem de autonomia” frente à IC que relacionava-se à presença de Bukharin na direção da Internacional e ao fato de que o PCA passava por uma crise que imobilizava todo o Secretariado Sul-Americano.

Não obstante, o malogro do PC chinês teve um “culpado” que foi apontado pelo secretário-geral do PCUS: Bukharin. Assim, Stalin não mediria esforços para afastar seu antigo aliado e todo o seu grupo que, com uma linha tida como de “direita”, teria levado adiante o trabalho da IC e a política de capitulação dos comunistas ao *Kuomintang*, da mesma forma que se mostrava incapaz de reverter o que seriam agora os malefícios provocados pela manutenção da NEP no interior da URSS, que engendrava uma camada cada vez mais poderosa de camponeses ricos, os *kulaks*. O primeiro passo dado pelo agora todo poderoso secretário-geral do PCUS foi a inflexão de 1928, no VI Congresso, quando a IC praticamente abandonou a política de Frente Única, justamente no momento em que o fascismo avançava sobre as organizações operárias da Alemanha, passando a adotar a tese do “terceiro período”, que previa um novo colapso do capitalismo e uma conseqüente ofensiva comunista, e a compreensão de que a social-democracia era irmã gêmea do fascismo.

Enquanto isso, o SSA-IC foi reorganizado em Moscou, inicialmente sob a direção de Jules Humbert Droz, um aliado de Bukharin e então responsável pela América Latina que pouco depois também seria afastado das funções dirigentes na IC, cedendo seu lugar ao chinês Van Min (Chen Shao-yu). Em Moscou, o SSA-IC realizou encontros preparatórios ao VI Congresso com as seções sul-americanas da IC. Paulo de Lacerda, Leôncio Basbaum e Heitor Ferreira Lima, foram os representantes brasileiros ao encontro e aqueles que tiveram a incumbência de trazer os informes do Congresso ao Brasil, o que foi concretizado num relatório apresentado por Paulo de Lacerda, em outubro de 1928.<sup>19</sup> Tal relatório serviria para nortear os debates ao III Congresso do PCB, marcado para ocorrer em fins deste ano, de maneira que havia pouco tempo para se absorver tamanha inflexão, e apesar dos esforços de Astrojildo Pereira para adaptar à política do PCB às decisões da IC, pouca coisa mudou, pois não havia como abandonar pura e simplesmente a política de Frente Única levada a cabo com certo sucesso junto ao BOC; nem era possível deixar de lado as consignas de aliança com a pequena burguesia, desenvolvidas desde a identificação do potencial revolucionário dos “tenentes” brasileiros em meados dos anos 1920; e muito menos se podia cortar relações com Luiz Carlos Prestes que se encontrava na Bolívia e vinha se aproximando, paulatinamente, do PCB.

As mudanças foram adiadas, mas não tardaram. Em julho de 1929, realizou-se, em Moscou, o X Pleno Ampliado do Comitê Executivo da Internacional Comunista. A instância dirigente do *Komintern*, antes mera executora das decisões dos Congressos da Internacional, passava a ser o “centro de gravidade” da

atividade comunista mundial, significando a afirmação do poder absoluto de Stalin sobre o conjunto do movimento e a submissão dos PCs à defesa da “pátria do socialismo”, circunstância em que ficava em segundo plano a revolução mundial. De acordo com Isaac Deutscher, a questão resumia-se na assertiva de que “[a] posição de Stalin requeria a gradual subordinação da política comunista às necessidades da diplomacia soviética”, situação que, para o historiador polonês, invertia a relação existente no período de Lenin, pois “a diplomacia fora, por assim dizer, destacamento auxiliar do *Komintern*”. Segundo ainda Deutscher, pelo raciocínio de Stalin seria “rematada loucura arriscar a realidade do socialismo num só país em benefício do espectro da revolução no exterior”, o que deixava a opção por se decidir “em que medida era real o socialismo num só país e mero espectro o comunismo internacional”, ou o contrário, conforme assegurava Trotsky e seus seguidores.<sup>20</sup>

A questão apresentada por Deutscher é da maior relevância, tanto que foi o Pleno Ampliado da CEIC que impôs a visão de Stalin e efetivamente centralizou os PCs na inflexão conhecida como “terceiro período”, buscando eliminar os “desvios de direita” no interior da Internacional. Tal imposição alcançou a América Latina e o Brasil, cujos PCs foram advertidos em diversas circunstâncias sobre a necessidade de se combater o “oportunismo” e o “liquidacionismo” em suas fileiras e “sobre os perigos de direita” que pairavam sobre a atividade comunista nestes partidos.<sup>21</sup>

No Brasil, as pressões da IC, através do SSA-IC, fizeram-se sentir nas duras críticas dirigidas à direção do Partido, em especial a Astrojildo Pereira e Octávio Brandão considerados os responsáveis pelos erros que PC brasileiro.<sup>22</sup> Neste contexto, realizou-se o Pleno Ampliado do SSA-IC, em maio de 1930, na cidade de Buenos Aires, com o intuito de adequar a linha à realidade da América Latina e promover a “segunda fase da bolchevização” ou “proletarização” dos PCs no continente.<sup>23</sup> No Brasil, o BOC foi dissolvido e foram afastados da direção do PCB os dirigentes políticos não proletários, inclusive Astrojildo Pereira, Octávio Brandão, Fernando de Lacerda e Leôncio Basbaum.<sup>24</sup> Lacerda e Brandão passaram a assumir funções junto à IC, em Moscou, Astrojildo Pereira, tratado como

<sup>20</sup>DEUTSCHER, Isaac. *Stalin: uma biografia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 417-418.

<sup>21</sup>Na documentação da Internacional Comunista disponível no CEDEM/UNESP é abundante tal advertência ao longo de 1929-30. Apenas como exemplo, veja-se Resolution on the brazilian question. Fundo: IC. Série: Documentos do Comitê Executivo da IC. Notação: 495-003-199. CEDEM/UNESP.

<sup>22</sup>Cf. DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa*. A política de alianças do PCB: 1928-1935. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 143-144.

<sup>23</sup>DEL ROIO. *A classe operária na revolução burguesa*, Op. Cit., p. 125-126.

<sup>24</sup>De acordo com Dainis Karepovs, a dissolução do BOC foi decidida em novembro de 1929, numa série de reuniões ocorridas em Moscou, no âmbito do Secretariado Latino-Americano. KAREPOVS. *A classe operária vai ao Parlamento*, Op. Cit., p. 147-156. A documentação sobre o assunto encontra-se disponível no fundo da IC do CEDEM/UNESP.

<sup>19</sup>Cf. DEL ROIO, A gênese do Partido Comunista, In: FERREIRA; REIS. *A formação das tradições*, Op. Cit., p. 241-242. Em seu informe dado ao VI Congresso da Internacional, Paulo de Lacerda observou que era a primeira vez que a Internacional Comunista se ocupava “seriamente” do movimento proletário e do movimento comunista na América Latina. [I]nforme de [Paulo] Lacerda ao VI Congresso da IC. Fundo: IC. Série: Documentos de Congressos da IC. Notação: 493.001-366. CEDEM/UNESP.

renegado no início dos anos 1930, retornou as fileiras do Partido em meado dos anos 1940, sem, contudo, readquirir o prestígio dos anos iniciais. Basbaum, seguiu seu caminho, como médico, comerciante e escritor, ora colaborando periféricamente como o Partido, ora apontando suas mazelas.

### Os estertores da Internacional Comunista

Os últimos dez anos da Internacional Comunista inauguraram uma era em que, mais do que nunca, o movimento comunista internacional esteve associado à teoria do “socialismo num só país” e à personalidade de Stalin. Neste contexto, lograram ascender na hierarquia do *Komintern* personalidades perfeitamente alinhadas com a política do todo poderoso secretário-geral do PCUS, sendo estes os casos do italiano Palmiro Togliatti, do francês Maurice Thorez e do búlgaro Jorge Dimitrov.

Com efeito, após a política esquerdista do “terceiro período” uma nova inflexão veio sendo preparada desde a França, país onde o Partido Comunista foi empurrado para as proximidades das organizações social-democratas a partir de 1933. Após a ascensão do nazismo na Alemanha, caminho facilitado pela política do Partido Comunista que em 1930 havia afirmado que “*o fascismo tinha alcançado seu ponto culminante e que iria, dali por diante, entrar em rápida decomposição, preparando o caminho para a revolução proletária*”, na França, onde a situação parecia se repetir, o PCF precisava deter o avanço dos fascistas e, ao mesmo tempo, apresentar respostas à ascensão galopante da luta de classes.<sup>25</sup> Como consequência da compreensão do desastre da política do “terceiro período”, o PCF pavimentou o caminho para o restabelecimento da Frente Única e, mais do que isso, para a afirmação da Frente Popular que significava que os comunistas deveriam buscar aliados nos setores da burguesia dita progressista em cada um dos países onde o fascismo ganhava força.

No Brasil o resultado foi, de alguma maneira, esquizofrênico para o PCB, com o Partido inicialmente negando a Frente Única Antifascista (FUA), formada em 1934, para depois ingressar na Aliança Nacional Libertadora (ANL), embrião de Frente Popular fundada no ano seguinte. Nessa altura, Prestes, que se encontrava na URSS desde 1931, já havia ingressado no PCB por imposição da IC que precisou intervir num partido em plena crise provocada pelo “obrerismo”.<sup>26</sup>

Da fundação, crescimento, consolidação e crise da ANL poucos meses se passaram, tendo se registrado, inclusive, o levante de novembro de 1935, o espetacular episódio de levantamento dos quartéis em Natal, no Recife e no Rio de Janeiro sob a direção de Prestes e dos aliancistas. O episódio, conhecido na história oficial como “intentiona comunista”, teve alguma participação popular em Natal, mas logo foi debelado em todo o país.<sup>27</sup>

<sup>25</sup>TROTSKY, Leon. *Revolução e contra-revolução*. Lisboa, Porto, Luanda: Centro do Livro Brasileiro, s/d, p. 27.

<sup>26</sup>O episódio do conturbado ingresso de Prestes no PCB é narrado pelo próprio Cavaleiro da Esperança e pode ser encontrado em MORAES, Denis; VIANA, Francisco. *Prestes: lutas e autocríticas*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 56-58.

Muito já se disse sobre o papel da IC nestes episódios e permanecem abertas as polêmicas sobre a decisão acerca do levante, se esta teria partido de Moscou ou teria sido tomada no Brasil. Apesar da importância do tema, não se faz necessário, neste momento, ir adiante nesta discussão. Entretanto não se pode deixar de mencionar a passagem da década de 1930 para 1940 como aquela que viu a proclamação do estabelecimento do socialismo na URSS e o abandono da revolução internacional à sua própria sorte, circunstância em que a Internacional Comunista veio a ser extinta por Stalin em 1943. Com efeito, o episódio de 1935 no Brasil, mais pela bravura, heroísmo e tragédia dos seus protagonistas, foi, talvez, o último momento em que a revolução, ainda que por linhas tortas, teve alguma sobrevida nos debates da IC.

Nos anos seguintes ao levante de 1935, enquanto, pelo mundo, a revolução travava um duelo de morte com a contra-revolução nazi-fascista, as organizações comunistas buscavam formar alianças cada vez mais amplas com os setores antifascistas da sociedade. No Brasil uma longa crise se abateu sobre o PCB, perseguido implacavelmente pela repressão do governo de Getúlio Vargas.

Não obstante foi justamente entre 1936 e 1943 que a Internacional Comunista buscou centralizar mais efetivamente o movimento comunista no Brasil. Primeiro traçando as diretrizes para impedir a infiltração policial das fileiras comunistas; depois determinando a política de União Nacional e impulsionando a aliança com a burguesia dita progressista, chamada de “burguesia nacional”, contra as forças do imperialismo e do nazi-fascismo no Brasil e no mundo; por último, criando as condições para que o PCB viesse a apoiar Getúlio, mesmo antes de o ditador virar para os Aliados na guerra que eclodiu em 1939.<sup>28</sup> Enfim, sem que se afirme que todas as diretrizes da Seção Brasileira da Internacional Comunista foram dadas pelo *Komintern*, é preciso jogar luz sobre as relações entre um partido nacional e uma organização internacional. Para o bem ou para o mal, era na URSS, em Stalin e na IC que o PCB depositava suas maiores esperanças.

A depender do ponto de vista, não se pode dizer que as esperanças não foram frustradas. Em que pese a extinção da IC, em 1943, o nazi-fascismo foi abatido em 1945 com uma brutal e generosa contribuição do sangue soviético derramado nas várias batalhas que antecederam a Libertação. A história que se segue e que permanece gerando polêmicas diz respeito aos (des)caminhos do movimento comunista internacional sob a Guerra Fria, mais uma vez abatido sem travar combate contra a democracia burguesa. Em todo caso, os comunistas no

<sup>27</sup>Vejam-se, sobre o assunto, VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 35*. Sonho e realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão*. A Revolução Mundial e o Brasil. 1922-1935. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora: os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>28</sup>Uma apreciação sobre a política do PCB no período pode ser encontrada em SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil. 1936-1948*. São Paulo: Annablume, 2009.

mundo já não dispunham de um instrumento de organização como a Internacional. Restou a Moscou reativar uma experiência de controle através do *Kominform*. Quanto ao PCB, este permaneceu alinhado “à pátria do socialismo” ao menos até 1956. E mesmo que a documentação da IC depositada nos arquivos brasileiros não chegue tão longe (em verdade os documentos do Fundo do CEDEM-UNESP vão até 1939), é conhecida a fidelidade dos comunistas brasileiros aos destinos da URSS.

Artigo recebido em 19/06/2010